

ARQUIVOS

SOCIEDADES E COMPANHIAS DE COMÉRCIO NO ORIENTE.

(As fontes arquivistas orientais) (*).

MISS D. C. KESWANI

Dos Arquivos Nacionais da Índia.

I

A descoberta da rota circular em volta do Cabo da Boa Esperança em 1498 marcou o princípio da era do domínio europeu sobre o Oceano Índico e sobre a maior parte de suas orlas marítimas. Durante os primeiros cem anos que se seguiram à primeira ancoragem de Vasco da Gama em um pôrto da Índia, os portugueses gozaram de monopólio incontestável sobre o comércio oriental e navegação oceânica da Costa Malabar na Índia à passagem rochosa do arquipélago malaio. Como resultado disso alcançaram uma posição de prosperidade sem precedente, como raramente é conseguida por uma pequena nação.

A demanda das especiarias estava tão difundida entre os europeus, como tempero para suas dietas, e o comércio delas era tão lucrativo que excitava a cupidês de outras nações européias no sentido de arriscar tudo para participar de comércio tão lucrativo.

Na esteira dos portugueses foram os ingleses e os holandeses. Os últimos, entretanto, logo ultrapassaram a todos com grandes descobertas geográficas nos mares do sul no correr do século XVII, e menos de cinquenta anos foram suficientes para que eles fizessem uma limpeza no poder português nas águas asiáticas, salvo uns poucos postos que inquietos tremiam na defensiva.

Mas uma mudança de longo alcance na balança do poder marítimo no Oriente estava no alto mar como resultado direto da rivalidade anglo-holandesa que fôra aumentada com três guerras européias na segunda metade do século XVII. A Holanda reteve sua preeminência comercial no Oriente algum tempo mais, mas é aparente que de-

(*) . — Resumo de uma comunicação apresentada ao VIII Congresso Internacional de História Marítima, realizado em Beirute em setembro de 1966 (*Nota da Redação*).

vido a isto o grande esforço colonial holandês devorou-se a si mesmo.

Através dos anos, a política da Companhia Inglesa no Oriente experimentou uma mudança imperceptível até que, na metade do século XVII, ao invés de confinar-se a atividades puramente comerciais, fazia da posse de territórios parte do seu negócio. Este foi talvez o germe de um futuro Império Britânico com dimensões quase continentais protegido em suas fronteiras marítimas por seu poder naval. No começo do século XVIII, a Inglaterra tomou posição para dar passos gigantescos no futuro, enquanto que a Holanda e os portugueses foram relegados permanentemente a um papel secundário.

A Companhia Francesa das Índias que até aí permanecia quieta nas longitudes orientais, movia-se de modo perigoso. A agressividade dos franceses na Europa logo provocou uma aliança entre os antigos inimigos e na Índia, o antagonismo anglo-francês irrompeu em hostilidades há muito latentes que chamam a atenção para o meio do século XVIII na Índia. Neste tempo, Pondicherry foi vencida em 1761, e a influência francesa no Carnático, e em quase todo o Oriente, praticamente chegou ao fim. Por volta de 1815 os franceses e os holandeses não tinham mais ilusões sobre sua capacidade de expulsar os ingleses desta parte do mundo.

Outro poder europeu que comerciou no Oriente foi a Dinamarca. O envolvimento de europeus na Guerra Americana pela Independência provocou para a Companhia Dinamarquesa um período de prosperidade, mas o desabrochar do comércio dinamarquês encontrou oposição no Oriente. Assim, em 1815 os dinamarqueses deixaram suas possessões na Índia, pois sua posição financeira não era boa. Antes de 1845 venderam suas possessões aos ingleses e retornaram para seu país.

II

O material oriental de arquivo criado pelas várias companhias comerciais européas, que iniciaram suas operações no arquipélago oriental nos séculos XVI e XVII constitui uma das fontes mais preciosas da história econômica e política, não apenas dos países da Ásia do Sul, mas também das suas metrópoles. Quando usadas extensivamente, as informações ajudam a corrigir, elaborar, refutar ou confirmar as conclusões tiradas das consultas das anotações européas.

Com referência aos portugueses no Oriente, a melhor fonte de informações é o repositório de arquivos em Goa, agora parte da União Índia. Cobrindo uma área linear de 8.000 prateleiras, é uma verdadeira fonte de informações úteis, não apenas com vistas às explorações mais antigas comerciais e marítimas dos portugueses, mas

também da administração civil das vastas áreas ocupadas por êles no Oriente. Suas relações políticas e comerciais com os poderes rivais, Holanda e Inglaterra, com os rajás Zamorians de Calicute, com o velho reino de Vijayanagar, os Mughals e os Marathas, tôdas tem um lugar importante na imensa coleção de papéis. Como fonte suplementar de material da história portuguesa, é inestimável a documentação aproveitável que está nos Arquivos Nacionais da Índia, em Nova Delhi, em Madras e nos Escritórios de anotações de Bombaim, e nos relatos holandeses e inglêses do Departamento de Arquivos Governamentais de Nuwara Eliya no Ceilão. Do estudo comparativo dêsses papéis e dos que encontram-se preservados em Lisboa, pode-se ter uma visão mais compreensiva da estrutura política do país naquele tempo e também da interconexão sutil entre as diversas fôrças.

Os duzentos anos de empreendimentos políticos e comerciais dos holandeses no Oriente estão copiosamente ilustrados no material de arquivo dos escritórios Niwara Eliya no Ceilão e na Indonésia, e juntos formam a única fonte de material de história, deixado quase despercebido, tanto pelos pesquisadores como pelos historiadores. Há no Ceilão relatos holandeses aproveitáveis do tempo de sua ocupação de Galle, de 1640 até o ano de 1796, quando a ilha, junto com os arquivos, passou para as mãos dos inglêses. Há uma coleção bem grande de registros do Cochin holandês preservados em Madras, Bombaim e Nova Delhi e registros portugueses em Goa, que lançam luz sôbre os acontecimentos políticos e comerciais dos séculos XVII e XVIII na Índia e Oriente.

As atividades da Companhia Inglesa, adquirindo ascendência comercial no Oriente que culminou no Império Britânico, foram bem documentadas pela enorme quantidade de registros agora localizados em Nova Delhi, Madras, Bombaim e Calcutá. Ainda que os registros do século XVII e do princípio do século XVIII na Índia tenham sofrido muito devido às negligências, o que restou nesses repositórios e as informações suplementares que podem ser obtidas nestas fontes subsidiárias, assim como os registros holandeses e portugueses no Ceilão e em Goa, são bastante extensos e compensarão o trabalho dos pesquisadores. Ainda, os papéis particulares preservados nos templos, em custódia particular de famílias principescas e os manuscritos de língua como os de Marathi, Malayalam, Pérsia, etc., são fontes que podem esclarecer de modo interessante, não apenas as condições econômicas e políticas do tempo, mas também sôbre o que está obscuro nos arquivos das atividades comerciais das companhias no Oriente. Os arquivos inglêses do Ceilão, que começam com a conquista da ilha em 1795-1796 são outra vasta fonte que

proporciona informações úteis sobre a variedade de tópicos que vão de política a comércio, lucros, etc. Não devem ser esquecidos os registros ingleses dos arquivos malaios que começam com o ano de 1786.

Há falta de fontes de arquivo francesas na Índia e por toda parte no Oriente. Isto explica-se facilmente pelo fato de que a Companhia Francesa nas Índias tinha o hábito de transferir seus papéis em intervalos regulares para a França. Mesmo Pondicherry, a principal estação de comércio dos franceses na costa de Coromandel na Índia, que possuía numerosas séries de papéis interessantes até recentemente, os transferiu para Paris, quando as possessões francesas passaram às mãos do governo Indiano em 1954. Sendo assim, os registros ingleses de Madras (incluindo alguns em francês), Bombaim e Nova Delhi contêm riqueza de material relativo ao tópico sobre os dias da rivalidade anglo-francesa na Índia no século XVIII. Os papéis de Peshwa Daftar estão também repletos de referências sobre as relações franco-maratha e devem ser consultados para qualquer assunto referente à diplomacia francesa na Índia.

O material original da Companhia Dinamarquesa da Índia Oriental é uma coleção macissa de registros de Tranquebar, que está alojada nos Escritórios de Registros de Madras, fora as séries Scrampora em Calcutá. Além disso, os registros franceses de Nova Delhi e Madras contêm inúmeras referências aos dinamarqueses na Índia de 1756 a 1845. Há também nos Arquivos Nacionais, correspondência entre as autoridades dinamarquesas de Serampore e Tranquebar e a Companhia Inglesa em Forte William, em Bengala.

Há pouco material que mereça ser mencionado nas *Miscelânea de empreendimentos* dos repositórios de arquivos do Oriente.